



O neopaganismo em Teresina: a vertente religiosa Piaga a partir do cruzamento de pontos de vista (2007-2016)¹.

Antonio Emanuel Batista de Sousa²

Artigo recebido em: 16/01/2020

Artigo aprovado em: 12/04/2020

RESUMO

Este trabalho objetiva, primeiramente, discutir sobre o advento do neopaganismo enquanto uma vertente religiosa, emergente no contexto do movimento contracultural, principiado na segunda metade do século XX. Tomando como partida essa discussão, analisamos, especificamente, a vertente religiosa politeísta “Paganismo Piaga”, na cidade de Teresina-PI entre os anos de 2007 e 2016. Desse modo, através das observações tecidas sobre o arcabouço bibliográfico e discursivo dessa religiosidade, pretendemos discorrer a respeito dos cruzamentos de pontos de vista entre as crenças estrangeiras e dos saberes locais. Para tanto, apoiamos essa discussão na perspectiva de “histórias cruzadas”, embasada pelos autores Michael Werner e Bénédicte Zimmermann (2003), sob diferentes fontes, como relato oral, fragmentos de jornal, tabela e escritura literária.

Palavras-chave: Neopaganismo. Paganismo Piaga. Histórias Cruzadas.

Neopaganismo en Teresina: el aspecto religioso de Piaga desde el cruce de puntos de vista (2007-2016).

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo, en primer lugar, discutir el advenimiento del neopaganismo como un aspecto religioso, que emerge en el contexto del movimiento contracultural, que comienza en la segunda mitad del siglo XX. Tomando esta discusión como punto de partida, analizamos específicamente el aspecto religioso politeísta “Paganismo Piaga” en la ciudad de Teresina-PI entre 2007 y 2016. Así, a través de las observaciones realizadas sobre el marco bibliográfico y discursivo de esta religiosidad. Discutir las intersecciones de puntos de vista entre las creencias extranjeras y el conocimiento local. Con este fin, apoyamos esta discusión desde la perspectiva de "historias cruzadas", basada en los autores Michael Werner y Bénédicte Zimmermann (2003), de diferentes fuentes, como informes orales, fragmentos de periódicos, tablas y escritos literarios.

Palabras llave: Neopaganismo. Piaga Paganism. Historias cruzadas.

¹ Artigo apresentado a disciplina de Laboratório de Teoria e Heurística I para obtenção de nota final.

² Possui graduação em História pela Universidade Federal do Piauí (2017). Tem experiência na área de História Contemporânea com ênfase em História das Religiões e Neopaganismo. Mestrando em História e Espaços pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1571666568696132>. Contato: a.emanuel50@hotmail.com.



1 INTRODUÇÃO

O movimento denominado neopaganismo, é uma tendência atribuída por estudiosos e adeptos para se referir a uma variedade de vertentes religiosas politeístas modernas, que, durante a segunda metade do século XX, cresceu consideravelmente na Europa e nas Américas. A vertente mais influente e predominante do neopaganismo é a Wicca, também chamada de moderna bruxaria pagã, pensada a partir das concepções teóricas do inglês Gerald Brosseau Gardner³. Desse modo, o neopaganismo foi pensado por Gardner como uma forma de ressignificação do antigo paganismo europeu, adaptado ao mundo moderno, cujo os seus membros assumem um discurso de que essas crenças estão promovendo “o ressurgimento na sociedade contemporânea de uma espiritualidade centrada na percepção da Terra como sagrada” (OLIVEIRA, 2009, p. 2).

Como posto anteriormente, o neopaganismo é utilizado para designar diversas vertentes religiosas, de modo que algumas dessas praticam uma espiritualidade completamente moderna, enquanto outras vertentes buscam “resgatar” ou “reviver” rituais e aspectos religiosos como as encontradas em fontes históricas, arqueológicas, folclóricas e literárias.⁴ Dessa forma, mesmo na atualidade, muitos grupos ainda se veem como uma espécie de continuidade histórica do paganismo antigo, sendo os seus adeptos acreditam que as práticas neopagãs funcionam como “[...] uma reconstrução baseada em diversas fontes (históricas, mitológicas, artísticas, etc.) associada a uma tentativa de adaptar uma religiosidade antiga às inquietações presentes na sociedade contemporânea” (OLIVEIRA, 2009, p. 3).

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objeto de estudo o movimento religioso denominado “Paganismo Piaga”⁵, fundado no estado do Piauí por um grupo de jovens acadêmicos da cidade de Teresina. Essa vertente caracteriza-se por ser uma tradição politeísta e pagã, baseada em estudos bibliográficos, literários e folclóricos da região. Embora seja caracterizado como um sistema religioso, o Paganismo Piaga também é baseado em princípios filosóficos e culturais do neopaganismo, assim como também em conhecimentos e saberes ligados às práticas consideradas ancestrais do Piauí. Desse modo, embora o grupo tenha a pretensão de “resgatar” o culto piaga, entendemos que as próprias releituras das tradições feitas

³ A Bruxaria Moderna surge na contemporaneidade, na década de 1950, na Inglaterra, fundada pelo funcionário público inglês Gerald Brosseau Gardner, que mais tarde veio se tornar o Pai da Bruxaria Moderna.

⁴ Os termos “resgatar” ou “reviver” são utilizados por alguns grupos neopagãs, na perspectiva de que as suas espiritualidades possibilitem um reavivamento de práticas ancestrais.

⁵ Nesse sentido, o grupo denomina os adeptos da crença como “Piagas”, “Pagãos Piagas” ou simplesmente “Pagãos”.



pelos adeptos dessa vertente, são formas de se reinventar a partir de aspectos de cultos considerados ancestrais e não uma forma de resgatá-los.

É partindo dessa compreensão e se apoiando na discussão dos autores Michael Werner e Bénédicte Zimmermann (2003), introduzida no artigo intitulado “Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade”, que temos como enfoque utilizar a perspectiva de “histórias cruzadas” como referência/operação metodológica para se pensar e trabalhar o objeto de pesquisa neste trabalho. Neste método, o cruzamento de histórias é um processo empírico e reflexivo que afeta tanto o objeto quanto o pesquisador, isto é, “[...] o cruzamento nunca se apresenta como um ‘já dado ali’ que bastaria identificar e registrar. Ele requer um observador ativo para construí-lo, e é num movimento de ida e volta entre o pesquisador e seu objeto que se desenham conjuntamente as dimensões empíricas e reflexivas” (WERNER; ZIMMERMANN, 2003, p. 97-98). Desse modo, é importante destacar que esse método parte de um triplo processo de historicização: do objeto, das categorias de análise e das relações entre o pesquisador e o objeto.

Dentre as diferentes operações deste método, utilizamos a noção na qual os cruzamentos podem ser também dos pontos de vista e dos olhares voltados para o objeto e como podem produzir algo de novo e de inédito. Nisso, esse tipo de operação, no objeto de estudo deste trabalho, justifica-se pela maneira como pesquisador resolveu analisar e estudar a experiência de produção e prática religiosa em Teresina – PI a partir da emergência do Paganismo Piaga dentro de um contexto mundial em que esse fenômeno está inserido. Sendo assim, entendemos que o cruzamento, nesse sentido, partiu de um conjunto de operações técnicas de articulação entre fontes diferentes com a bibliografia sobre a temática.

2. A CONTRACULTURA E A EMERGÊNCIA DO NEOPAGANISMO

Em diversos países do Ocidente, a partir da segunda metade do século XX, ocorreram grandes mudanças culturais e comportamentais que partiram de grupos minoritários, pelas quais suas ações foram entendidas enquanto um o movimento, este que foi denominado de “Contracultura”. Partindo da premissa de questionar os valores e ordens tradicionais, sobretudo no início da década de 1960, mobilizações com essa finalidade passaram a divulgar ideais libertários, tomada de consciência e transformação da conduta de jovens, que, quase de



imediatos, resultaram na expansão do debate sobre vários aspectos da vida (economia, sexualidade e religiosidade)⁶.

Antes da emergência contracultural, em meados da década de 1950, o contexto institucional permitiu o desenvolvimento de estudos universitários que subverteram e impulsionaram os debates sobre religião, que antes eram concentrados em institutos teológicos de tradição cristã. Desse modo, entende-se que as instituições religiosas tradicionais já não conseguiam responder ou satisfazer alguns grupos e sujeitos, em relação às questões trazidas pelos dilemas que estavam surgindo naquele momento. À vista disso, as religiões tradicionais começaram a perder um pouco da sua pretensa supremacia, na medida em que houve a ascensão de novas espiritualidades⁷, quer dizer, a busca por novos modos de se relacionar com o espiritual, partiu do ensejo contemporâneo de se contrapor às religiosidades majoritárias da sociedade.

Essa coisa nova parece ser a busca por respostas espirituais aos dilemas dos homens e mulheres contemporâneos. Essa busca, associada a um desencanto com as religiões tradicionais, tem levado uma parcela considerável de pessoas a procurarem, não apenas no neopaganismo como também nas diferentes doutrinas orientais e no movimento da Nova Era, uma outra experiência religiosa. Sob esse aspecto, o crescimento destas formas de expressão religiosa pode ser interpretado como uma espécie de “sinalizador”, expressão de uma tentativa social mais ampla de contrabalançar as tendências majoritárias da nossa sociedade consumista e hiper-tecnológica, enfatizando valores como os vínculos comunitários, as relações interpessoais e a integração com a natureza (SOARES, 2007, p. 2).

Nessa perspectiva, compreendemos que a sociedade atual, da rápida inovação tecnológica e do consumismo intenso, produz relações cada vez mais distantes do ser humano com a natureza. É nesse aspecto que o neopaganismo se insere enquanto uma vertente religiosa alternativa, que busca reestabelecer uma conexão do homem com o meio ambiente, como forma também de encontrar respostas para dilemas espirituais presentes na atualidade. No entanto, o fenômeno do surgimento de Novos Movimentos Religiosos (NMR) decorre também pelo fato da chamada desinstitucionalização do sagrado⁸, que antes foi possibilitado pelo processo de secularização que o Ocidente vivenciou com o movimento iluminista, onde continua experimentando esse “encantamento no âmbito individual”⁹, que também ocorre coletivamente.

⁶ A respeito da discussão, conferir o artigo de: SILVA, Eliane Moura da. *Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania*. **Rever, Revista de Estudos da Religião**, n. 2, p. 1-14, 2004.

⁷ A exemplo: as religiosidades orientais, a Wicca e Hare Krishna. A respeito do tema, ler o artigo: GUERRIERO, Silas. *Caminhos e descaminhos da contracultura no Brasil: o caso do Movimento Hare Krishna*. **Revista Nures** (Núcleo de Estudos Religião e Sociedade), São Paulo, n. 12, p. 1-9, mai-agos., 2009.

⁸ A sigla “NRM” é um termo geral para definir diferentes comunidades religiosas ou grupos espirituais com origens modernas, que tem um lugar periférico dentro da principal cultura religiosa de uma nação.

⁹ Expressão utilizada por Rubem Alves para definir o que poderíamos entender como um contínuo processo de secularização.



Desse modo, a secularização possibilitou o questionamento e a oposição a valores religiosos institucionalizados pelas igrejas cristãs¹⁰.

A religião não é mais prerrogativa exclusiva das Igrejas. Decorrência do exílio do Sagrado é a privatização da religião. A secularização possibilitou o avanço do pluralismo e do trânsito religioso, uma vez que, não havendo mais amarras das instituições religiosas, o indivíduo pode manipular os bens simbólicos construindo seus arranjos religiosos sem medo de quebrar o eixo central onde está apoiado. Por isso, o que vemos hoje, não é uma profunda secularização na sociedade, mas uma permanência do encantamento no âmbito individual (ALVES, 2006, p. 66).

Assim sendo, o pluralismo religioso não foi somente expandido para os indivíduos considerados cristãos, mas também para outras manifestações religiosas. Nesse sentido, o neopaganismo, como uma doutrina filosófica que emergiu com o movimento da contracultura, foi desencadeado por questões referentes ao processo de secularização combinado com a crise de paradigmas tradicionais, isto é, “[...] as poderosas ideologias, que tinham sido uma característica central da vida na maioria dos países ocidentais desde o final do século XIX estavam, já nos finais da década de 1950, começando a parecer opressivas e redundantes” (FILHO, 2016, p. 62). Nesse aspecto, os impactos na economia e sociedade ocidental, nesse período, propiciou a valorização do individualismo e das coletividades minoritárias em detrimento das coletivas majoritárias, fato este que, contemporaneamente, ainda gera críticas a respeito das novas expressões religiosas.

Muitas vezes as pessoas me perguntam se ‘isso’ que eu estou pesquisando é uma religião, se é ritualizada ou é apenas uma brincadeira de adolescente que gosta de se vestir de preto. Acredito que perguntas como esta se devem a um certo desconhecimento sobre as formas de ritos e rituais presentes nas sociedades contemporâneas (SOARES, 2007, p. 51).

O desconhecimento aqui, pode ser entendido a partir da contemporaneidade, que por sua vez traz novas e diferentes formas de lidar com os dilemas individuais e coletivos e, neste caso, com as manifestações religiosas neopagãs. De acordo com Martine Segalen (2002), a ritualidade está a priori associada ao religioso através do sagrado. A partir disso e da afirmação de que as sociedades vivem sob o signo da racionalidade e da técnica, a autora indaga se há espaço para o ritual dentro da atualidade, considerando que “[...] uma das principais características do rito é a sua plasticidade, a sua capacidade de ser polissêmico, de acomodar-se à mudança social” (SEGALLEN, 2002, p. 15). Nesse sentido, considerando a problemática

¹⁰ Lembrando que o processo de secularização do Cristianismo é a referência para se perceber a decorrência desses movimentos no recorte aqui analisado: a nível de Ocidente.



suscitada pela autora, abordaremos a seguir sobre a possibilidade de reinvenção ritualística na contemporaneidade, através da vertente religiosa politeísta Paganismo Piaga.

3. NEOPAGANISMO EM TERESINA

Os aspectos relacionados à religião e espiritualidade, como os ritos e a sua relação com a natureza, tem impacto nas práticas e mudanças sociais, tanto no âmbito individual, como do coletivo, e, nesse seguimento, a religião se torna espaço de conflitos que determinam e constroem discursos.

Como as opiniões religiosas não tem incidência unicamente sobre a busca de sentido para a existência, mas a têm igualmente sobre os comportamentos, ordenando toda a vida do homem crente, inclusive suas práticas sociais, as religiões também são lugares relevantes dos conflitos sociais. Assim sendo, o campo religioso é simultaneamente lugar, produto e fator ativo daqueles conflitos (GOMES, 2002, p. 17).

Situado nessa discussão, o Paganismo Piaga emergiu de uma série de estudos e práticas realizadas por um grupo de jovens em Teresina, onde estes faziam parte de um seletivo número de praticantes do paganismo no Piauí, tendo suas práticas registradas em meios de comunicação desde o início dos anos 2000. Nesse sentido, o movimento pagão em Teresina, a princípio, se constituía através de práticas realizadas em reuniões no Parque da Cidade, local considerado como área de lazer da capital. Todavia, somente a partir de 2007 é que encontramos folhetins do jornal “O Bruxo”, (fundado pelo jornalista e adepto do movimento pagão piauiense Rafael Nolêto) que divulgava temas relacionados aos estudos sobre paganismo.

Permanecendo à frente da administração do jornal apenas por dois anos, em seguida Rafael Nolêto passou a divulgar as reuniões de estudo e encontros pagãos através do blog denominado de “Piauí Pagão”, no ano de 2009. Nesse site, constam-se registros dos encontros dos jovens pagãos piauienses, sendo estes momentos destinados às práticas religiosas baseadas, sobretudo, em ritos provenientes decorrentes da Europa, tendo como maior destaque, a prática da Wicca em Teresina, funcionando como movimento de cultura urbana. Contudo, ao longo dos anos, Rafael e outros adeptos do neopaganismo começaram a idealizar uma nova vertente religiosa que considerava a influência das tradições e do folclore local, logo denominada de “Paganismo Piaga”.

A princípio, por volta do ano de 2010, foram realizados estudos e reuniões para levantamento de produções bibliográficas e literárias que pudessem revelar os caminhos de culto ancestrais, que por sua vez eram necessários para construir a crença, isto é, como



manifestação da contemporaneidade, o neopaganismo emergia a partir da necessidade de reinventar antigos cultos. Desse modo, assim como a Wicca objetiva reconstituir os cultos antigos pré-cristãos, o Paganismo Piaga também buscou fincar sua crença na ancestralidade piauiense, considerando a influência de saberes indígenas em seus rituais. Nesse sentido, os piagas,¹¹ apesar de construírem uma maneira de expressão religiosa no Piauí dentro do contexto atual do neopaganismo, ambos levantaram estudos arqueológicos, bibliográficos que, segundo os mesmos, fundamentaram discursivamente o Paganismo Piaga como culto ressignificado de povos ancestrais que viviam nessa região.

Desta forma, identificamos aqui aspectos que caracterizam os seus discursos como ferramenta para se colocarem enquanto sucessores de uma certa espiritualidade antiga, que é reforçado no relato oral de Rafael Nolêto, observemos a seguir:

As religiões pagãs nativas estabelecem uma relação de sacralidade com os biomas e contextos nos quais estão inseridos. No caso do Piaganismo, não é diferente. O que nos motivou para o desenvolvimento desta espiritualidade piauiense, dentro do paganismo, foi a possibilidade de nos "reapropriarmos" do que consideramos como nossa herança ancestral sagrada. Quanto ao Piauí, temos uma rica herança geológica, arqueológica, mitológica, histórica e biológica. Para nós, piagas, essa herança precisa ser reconhecida, redescoberta, desvendada e sacralizada¹².

A partir da análise do fragmento acima, percebemos como o desenvolvimento da crença Piaga está relacionada estritamente com a necessidade de enxergar e colocar o Piauí como espaço de tradições importantes. Nessa perspectiva, os membros desta vertente religiosa buscaram propor certa valorização de riquezas naturais, folclóricas e culturais como meio na qual pudessem tecer uma relação mais íntima com o espaço sociocultural e ambiental em que vivem.

Ainda nesse seguimento, o ponto chave para se perceber tais aspectos pode ser observado em uma reportagem do jornal "O Dia" sobre o assunto:

Segundo Rafael Nolêto, o diferencial da Vila Pagã no Piauí é que a gente não importa só tradições estrangeiras, mas também resgata as tradições da terra. A denominação da doutrina é o Paganismo Piaga, que é um termo que gerou o nome do Piauí. Piaga significa propagador da fé, e retrata práticas de pajelança e xamanismo. [...] Quando os portugueses chegaram no Piauí, o local era predominantemente habitado por tribos indígenas que foram dizimadas. Esses povos eram chamados de piagas e, baseado nessa denominação, se tem a teoria de que o nome do estado foi dado a partir do nome piaga. [...] "Assim como existe cristianismo e as diferentes congregações cristãs, que acreditam em um único Deus e na pessoa de Cristo, existem outras religiões monoteístas, como o judaísmo e o islamismo", explica Rafael Nolêto. Ao contrário disso, existem as crenças politeístas, as quais acreditam em vários deuses e dentro do

¹¹ Expressão utilizada por Rafael Nolêto para se referir aos adeptos do Paganismo Piaga.

¹² NOLÊTO, Rafael. **Entrevista concedida a Antônio Emanuel Batista de Sousa**. José de Freitas (PI), 18 de novembro de 2016.



politeísmo existem várias tradições, como o culto a deuses celtas, egípcios, bálticos. [...] “Esses deuses nada mais são do que reflexo das forças da natureza e da própria ancestralidade, que deve ser entendida tanto como ancestralidade de sangue, como a identificação cultural e até por questão de identificação espiritual”, completa. No Piauí, o grupo pagão pesquisa história e antropologia para saber como eram as práticas dos povos do passado, que também eram politeístas e cultuavam várias divindades como forças da natureza. “A gente espera não deixar morrer através da idealização da Vila, por meio de vivência comunitária, eventos, rituais, feiras e palestras”, afirma o idealizador da Vila. [...] As crenças, práticas e culturas adotadas pelo grupo são antigas, mas Rafael Nolêto explica que a denominação Paganismo Piaga é uma expressão recente organizada pelos membros do grupo (PASSOS, 2014, s/p).

Nesse fragmento do jornal, percebemos como os pagãos Piagas constroem um discurso muito relacionado a resgate de práticas e valores ancestrais, inclusive, segundo suas teorias, o Piauí recebeu esse nome devido à influência da cultura dos supostos povos Piagas que viviam na região do atual estado. Todavia, não há estudos que comprovem tais teorias, esta designação parte do discurso dos adeptos a partir de seus estudos religiosos e bibliográficos.

Desse modo, o que se percebe no Paganismo Piaga, enquanto manifestação religiosa, é sua necessidade de se demarcar, por exemplo, em relação à religião predominante, o cristianismo. Para isso, a proposta dos mesmos é de se perceber como lendas e mitos piauienses, de crença popular, podem se tornar entidades e narrativas sagradas. Por isso, umas das principais fontes de pesquisa do grupo para busca de elementos que agreguem à crença são obras literárias e narrativas folclóricas. Dentre as que mais recebem destaque, temos “Arrepios e assombrações em Sete Cidades (Gabriel Coutinho)”, “Passarela de marmotas (Fontes Ibiapina)”, como também obras que abordam elementos sobre a história indígena piauiense, a exemplo do texto “Etno-história indígena piauiense” (João Gabriel Baptista) Todavia, ressalta-se que, mesmo procurando introduzir elementos da cultura local, o Paganismo Piaga busca referências de práticas religiosas de outras tradições.

A respeito disso, o jornal O DIA de Teresina escreveu uma matéria sobre como era encarado o Natal para os pagãos:

Natal para os pagãos “Festa da Vida”: é com esse título que os adeptos de espiritualidades pagãs celebram essa época no Piauí. A ocasião festiva é uma das 8 celebrações principais do ano litúrgico piaga e simboliza a passagem do Solstício no dia 22/12 e a chegada das chuvas após um longo período de estiagem (B-R-O-BRÓ). A partir dessa época, o cenário local se transforma e o verde volta a brotar, refletindo o despertar da vida na terra. O solo é fertilizado, muitas plantações são iniciadas e a alegria retorna após meses escaldantes em que muitos passam por provações no campo. O pagão Rafael Nolêto explica que a data é comemorada com muita alegria. “Comemoramos essa ocasião com muita alegria, em reuniões com amigos e família, para a celebração com cânticos, danças, fartos banquetes e rituais de agradecimento pelas bênçãos de vida trazidas pelos deuses ligados à chuva”, conta. [...] Ele destaca ainda que pagãos geralmente não costumam se isolar das comemorações familiares típicas dessa época, até porque são encaradas como oportunidades de se está próximo da família e de pessoas queridas, assim como ocorre em outras comemorações oficiais



não diretamente relacionados às nossas tradições religiosas. [...] O que acontece nessa data é que interpretamos o simbolismo da data de forma diferente, mas sem deixar de celebrar, afinal, enquanto os cristãos celebram a vida através de Cristo, nós celebramos através da chegada do período de chuvas que fertilizam nossa terra com as bênçãos dos deuses das nossas tradições, esclarece Rafael. Ele chama atenção ainda para o fato de muitas tradições atuais possuem raízes pagãs, inclusive as celebrações natalinas, por isso vemos a realidade como resultado de deturpações e adaptações ao longo do tempo. “Várias sociedades pagãs celebram nessa época o aniversário de divindades solares, como o Deus Mitra, na Pérsia. Em Roma a época era chamada de Saturnália, ocasião em que se praticava a caridade, troca de presentes e muita alegria para honrar o Deus dos campos e colheitas, Saturno. Infelizmente, ao longo do tempo a data teve enfraquecido seu caráter simbólico-espiritual, fortalecendo apenas o lado comercial”, explica Rafael Nolêto, que está à frente da construção da primeira colônia pagã da América Latina (PASSOS, 2014, s/p).

Nesse momento, o paganismo *Piaga* começa a tomar visibilidade nos meios de comunicação piauiense. Nessa matéria, é discutida a Festa da Vida dos Piagas e como ela tem um significado e um simbolismo em relação ao clima e contexto geográfico piauiense. Isto é, uma data que se comemora a chegada das chuvas após um longo período de estiagem. Ainda no texto, percebemos, através da fala de um dos pagãos, a forma que o grupo encara a data, diferentemente dos cristãos, que celebram a vida através da figura de Cristo, os pagãos celebram a vida, através dos ciclos e dos fenômenos da natureza.

Sendo assim, compreendemos que são levantados elementos que caracterizam a Festa da Vida como celebração pagã do Piauí. O aspecto interessante, é perceber como os adeptos adaptaram uma festividade de raízes e cultos europeus para a especificidade do clima e cultura piauiense. Assim, eles constroem um simbolismo para a data muito relacionada aos ciclos da natureza, como por exemplo, a passagem do solstício de verão. Desse modo, ao nosso olhar, essas adaptações das festividades e simbolismos passam por espécies de cruzamentos entre perspectivas distintas, isto é, as moldagens ocorridas por meio da reunião de elementos culturais europeus com os da cultura local nas atividades dos piagas, podem ser entendidas enquanto ações resultantes do cruzamento de pontos de vistas diferentes.

4. MARCAS DE UM CRUZAMENTO: O CASO PIAGA

O neopaganismo carrega um princípio de se perceber a natureza enquanto dimensão sagrada. Essa discussão influenciou a construção do Paganismo Piaga como uma manifestação religiosa que buscasse tecer uma estreita relação com o seu meio sociocultural e ambiental. Desta maneira, a apropriação das narrativas mitológicas brasileiras, e, sobretudo, piauienses, foi uma das maneiras encontradas pelos adeptos dessa vertente religiosa para se pensar questões



locais a partir da perspectiva do lugar onde essa estrutura religiosa foi concebida e suas relações com o ambiente.

Sabemos que a realidade é construída conforme os problemas gerados pelo ambiente (relevo, clima, fauna, flora, água) e que são elaboradas possíveis respostas ao longo da história. Região formada com grandes cadeias de montanhas apresentam um tipo de mito específico relacionado a sua estrutura de relevo. Região fria constrói mitos diferentes das regiões quentes. Enfim, as construções das narrativas míticas dependem das relações concretas com o meio no qual os seres humanos vivem (PRATES; PIMENTEL; BETARELLO, 2014, p. 37).

Os movimentos neopagãos desenvolveram seus arranjos simbólicos e espirituais ao estabelecerem releituras de conhecimentos e narrativas folclóricas e, desta forma, possibilitaram o surgimento de vertentes religiosas baseado em uma série de arcabouços informativos que apontaram caminhos para essas tradições. Nessa perspectiva, “a religião tem forte e necessária ligação com o campo simbólico, ela utiliza e também produz elementos para o campo simbólico”, logo, “essa relação é riquíssima e complexa, podendo ser observada em especial através dos ritos onde as religiões se expressam com grande conteúdo simbólico” (*Idem*, 2014, p. 14), ou seja, o rito funciona como a linguagem em que as religiões expressam suas representações simbólicas.

A partir de um cruzamento de pontos de vista, percebemos que o Paganismo Piaga foi uma crença pensada sob estruturas semelhantes a diferentes religiões politeístas, seguindo uma tendência que se insere no fenômeno de neopaganismo desde a década de 1960. Isto posto, ficou evidente que ocorreu uma série de releituras de crenças neopagãs estrangeiras¹³ para o contexto piauiense. Todavia, considerando que as religiões são resultantes do meio sociocultural da qual estão inseridas, as religiões agregadas de outras sociedades “passam por um processo de adaptação e flexibilização, buscando adequar-se ao contexto cultural onde se estabelecem, efetivamente fornecendo novas ou melhores opções para os indivíduos expressarem a sua religiosidade” (PRATES; PIMENTEL; BETARELLO, 2014, p. 17). Em consequência disto, fica evidente que as manifestações ou as diferentes formas de expressão religiosa sofrem transformações com o contato de outros grupos e/ou sociedades ao longo do tempo. Nenhuma religião é simplesmente deslocada de um local para outra sem perdas ou mudanças em suas estruturas simbólicas e ritualísticas.

Dentre esses elementos de releitura que os adeptos do Paganismo Piaga fizeram em relação a outras tradições, em especial a Wicca, e assim promoverem a emergência de se pensar

¹³ Na Corrente Colona, existem várias linhas, que por sua vez podem ser subdivididas em cultos. Dentre as religiões incorporadas ao culto Piaga temos a Linha Africana/Yorubá; Linha Ameríndia; Linha do Haiti; Linha do Oriente Médio; Linha Egípcia, Linha Eslava, Linha Grega, Linha Nórdica, dentre outras.



uma religião neopagã profundamente relacionada à realidade piauiense, temos os rituais de passagem das estações do ano, mitos e divindades, magia em forma de porções e folhetos informativos. Observemos um trecho retirado do livro “Caminhos Piagas: magia e ancestralidade do Nordeste brasileiro” escrito por Rafael Nolêto, publicado em 2015, onde é introduzido as características da crença no que diz respeito a seus mitos, ritos, narrativas e liturgia, na qual identificamos marcas do discurso comum aos adeptos do neopaganismo em diferentes países da Europa:

Estudar em livros de história e folclore, conversar com pessoas mais velhas sobre tradições e costumes do lugar, visitar sítios arqueológicos e bosques sagrados, vivenciar experiências místicas com seres espirituais nativos da terra e entrar em sintonia com os ciclos naturais do lugar. Todos esses são caminhos para despertar em si o conhecimento sobre as tradições pagãs locais (NOLÊTO, 2015, p. 13).

A expressão ritualística e simbólica mais comum entre as diferentes vertentes neopagãs no mundo é a celebração de um calendário litúrgico intimamente relacionado aos ciclos da natureza. Na maioria das vertentes neopagãs esse calendário possui oito festividades principais, que marcam a passagem das estações do ano. Assim, o Paganismo Piaga constituiu seu próprio calendário litúrgico local, pois, mesmo recebendo influências do neopaganismo estrangeiro, o contexto ambiental piauiense é diferente dos países do norte do planeta, onde são vividos outros cultos neopagãos.

Com base em um cruzamento de fonte oral e documental, pudemos constatar que os adeptos do paganismo Piaga não só receberam influências do neopaganismo estrangeiro como a Wicca, mas produziram a partir desse contato uma (re)leitura diferente do calendário litúrgico ligado aos ciclos agrários. Observemos a tabela a seguir:



Tabela 1: Roda do Ano Piaga.

DATA	FESTIVAL	SIMBOLISMO	CICLOS
21/12	Festa da Vida	Chegada das chuvas e renascimento da vida	SOLSTÍCIO DE VERÃO
01/02	Festa das Luzes	Primeiros sinais do despertar da vitalidade que começa a emanar da natureza	
21/03	Festa das Flores	Desabrochar das flores silvestres e celebração da fartura	EQUINÓCIO DE OUTONO
01/05	Festa da Fertilidade	Fertilidade da natureza, reprodução, auge da vida	
21/06	Festa do Sol	Início do semestre seco, fortalecimento do Sol	SOLSTÍCIO DE INVERNO
01/08	Festa dos Grãos	Colheita dos grãos e preparação para período seco	
21/09	Festa da Carnaúba	Colheita das últimas frutas da estação (caju e manga) e início da seca no sertão	EQUINÓCIO DE PRIMAVERA
31/10	Festa das Almas	Morte e honra aos espíritos e ancestrais	

Fonte: Blog Paganismo Piaga. <http://paganismopiaga.blogspot.com/p/calendario-anual.html>. Acesso em agosto de 2019

Ao analisarmos a tabela 1, percebemos uma série de adaptações práticas que os adeptos do Paganismo Piaga fizeram em relação a outros calendários litúrgicos neopagãos do hemisfério norte. No período de 21 de dezembro, acontece no hemisfério Sul, e, portanto, no Piauí, o solstício de verão, enquanto no hemisfério norte, acontece o solstício de inverno.

No Paganismo Piaga, a chamada "Roda do Ano", ciclo composto por oito festivais principais, ganhou sua própria reformulação, adaptando-se à realidade do clima e ciclos naturais do território onde a crença é praticada. A roda do ano piaga surgiu a partir do dilema que se apresentava diante de neopagãos desse território, que absorviam tradições pagãs estrangeiras sem dispensar atenção para a importância de adaptá-las a realidade climatológica local (PAGANISMO PIANGA, s/d, s/p).

Nesse calendário, muito conhecido através da difusão da Wicca desde a segunda metade do século XX, são salientadas as oito festividades principais da Roda do Ano. Todavia, “[...] nesse calendário não se fazem muitas referências aos termos outono, inverno, verão e primavera, pois as características climatológicas que definem essas estações não se manifestam da mesma forma no território equatorial” (NOLÊTO, 2015, p. 61). Isto é, no Piauí, acontece de fato apenas a estação chuvosa e a estação seca ou de estiagem, e, como podemos analisar na tabela acima, ela se adapta bastante ao ciclo local piauiense, onde o período seco acontece no inverno, e o período chuvoso acontece no verão.



No calendário Piaga, assim como na Wicca, temos a chamada “Festa das Almas”, que ocorre nos dias 31 de outubro em todos os anos. Nessa festividade, é comemorado e louvado a influência e importância dos espíritos ancestrais para as tradições neopagãs. Os adeptos das tradições neopagãs acreditam que entre os dias 31 de outubro a 02 de novembro é um período em que os limites entre o mundo dos vivos e dos mortos ficam mais tênues, nesse seguimento, “[...] são realizados ritos tanto para honrar, como também para apaziguar os espíritos que passam por esse mundo durante essa época” (NOLÊTO, 2015, p. 75). Portanto, através do cruzamento desta tabela que representa as festividades principais do culto Piaga com a chamada “Roda do Ano” da Wicca, percebemos que essa comemoração é mais uma influência de correntes estrangeiras principalmente do hemisfério norte.

Entre os dias 31 de outubro e 01 de novembro, os neopagãos do hemisfério norte celebram o Samhain (pronuncia-se *sou-ein*), festival de origem celta que representa o fim e o início do ano nessa cultura. Samhain significa "sem luz", ou "fim do verão", e marca o início do inverno, a parte mais escura do ano. Nesse festival, a morte e os ancestrais são honrados e acredita-se que o véu que separa este mundo do mundo dos espíritos se torna mais tênue. Os neopagãos possuem uma relação estreita com a natureza, que "morre" no inverno. Dessa forma, a morte representa um processo profundo e misterioso de transformação para esses sujeitos. Entretanto, a noite do festival costuma ser celebrada com festejos, comida, danças e bebidas, pois um novo ciclo se inicia na vida das pessoas (CASTRO, 2016, p. 125).

Os antigos povos Celtas acreditavam que no dia 31 de outubro, véspera do dia de todos os santos na tradição Cristã Católica, último dia do verão no hemisfério Norte, os espíritos saíam do mundo dos mortos para possuir o corpo dos vivos. “Na mitologia Irlandesa e na tradição popular, em Wales e no Noroeste da Inglaterra, associam o Halloween com visitas de espíritos e fadas. Pagãos combinam todos estes temas em suas celebrações” (SOARES, 2007, p. 30). Para espantar os espíritos, os povos Celtas decoravam as casas com objetos assustadores, como caveiras, ossos, esculturas em aboboras, entre outros. No entanto, durante o período medievo, como se tratava de uma celebração pré-cristã, e, portanto, de origens pagãs, aqueles que à praticavam eram condenados pela inquisição, passando a ser chamada atualmente de dia das bruxas. Visando diminuir as influências de práticas pagãs na Europa Medieval, a Igreja cristianizou a data, criando o Dia de Finados (2 de novembro). Esta festa, por estar relacionada em sua origem à morte, reintroduz elementos e figuras assustadoras. Observemos um trecho escrito por Rafael Nolêto a seguir:

Nos altares, cada elemento possui seu simbolismo particular que fazem referências aos antepassados dos celebrantes e também ao simbolismo da morte e renascimento espiritual. [...] Alguns costumam decorar suas casas com figuras bizarras, para assustar os maus espíritos. [...] Caveiras, espantalhos, máscaras e velas são elementos comuns na decoração desse festival que honra especialmente a Linha das Almas, os



ancestrais e as divindades guardiãs do submundo e da morte (NOLÊTO, 2015, p. 78-79).

Desta maneira, os neopagãos Piagas adaptaram um calendário anual baseado nos ciclos da natureza com a realidade ambiental e cultural do local onde está inserida. Embora essa adaptação seja perceptível com base em um cruzamento de perspectivas de análise, fontes e informações sobre outras tradições, algumas festividades comuns em outras partes do mundo aconteceram no Piauí. Observe como o grupo estabelece uma relação entre o que é praticado na Irlanda e no Piauí:

Festa das Almas
Samhain, Samhain
Alminhas dançam aqui
Samhain, Samhain
Na Irlanda ou no Piauí

Festa das Almas,
Noite e Luar,
Antepassados,
Enfeitam meu belo altar

Vem do submundo
Para festejar
Almas Benditas,
Honramos neste lugar

Samhain, Samhain
Alminhas dançam aqui
Samhain, Samhain
Na Irlanda ou no Piauí (NOLÊTO, 2015, p. 60).

Os adeptos do paganismo Piaga, introduziram bastante saberes folclóricos da região, por isso, mesmo que haja influência de práticas neopagãs europeias ao culto Piaga, ela segue baseada também em princípios e crenças locais.

Nessa perspectiva, o grupo pagão Piaga de Teresina, introduziu na sua agenda religiosa, símbolos e práticas que, através de determinadas estratégias discursivas que funcionaram como prática religiosa, buscaram promover a noção de que o Paganismo Piaga se constituiu a partir de tradições pagãs antigas que resistiram desde os povos ancestrais que viviam no Brasil antes da colonização europeia. Assim sendo, percebemos que existe uma larga relação entre a experiência religiosa e os símbolos, pois, “os símbolos são a representação do mundo que nos cercam. Os humanos não se relacionam com as coisas em si, mas com a representação das coisas. Ou melhor, os símbolos são produções, construções humanas pelos quais nos relacionamos com o mundo objetivo e com o mundo subjetivo” (PRATES; PIMENTEL; BETARELLO, 2014, p. 45).



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostrou como o fenômeno do neopaganismo que tomou grandes dimensões durante a década de 1960, influenciou o surgimento de diferentes correntes neopagãs pelo mundo, como aqui discutido, o caso do Paganismo Piaga. Os adeptos e estudiosos do neopaganismo direcionam suas pesquisas a diversas fontes: arqueológicas, bibliográficas, históricas e folclóricas, a fim de buscarem referências para se pensarem formas de expressões religiosas ligadas à realidade sociocultural e ambiental em que vivem. Sob este aspecto, os adeptos do Paganismo Piaga buscaram se inserir nesse contexto. Produziram e praticaram uma forma de expressão religiosa baseada em princípios e influências de vertentes neopagãs estrangeiras, mas levando em consideração aspectos provenientes da realidade onde estavam inseridos.

À vista do método de cruzamento de pontos de vista e perspectivas de análise do objeto deste estudo, conseguimos perceber uma série de releituras de práticas e símbolos religiosos de diferentes correntes neopagãs do mundo. Porém, apesar de estabelecerem uma religiosidade nativa sob à luz de símbolos de tradições neopagãs do exterior, é possível enxergar determinados aspectos que fazem da tradição Piaga uma manifestação específica do contexto e de sujeitos da qual foi concebida. É em cima de elementos como esse, que o neopaganismo constrói seu discurso, sejam em correntes europeias, como a Wicca, que afirma está dando continuidade à cultos pagãos pré-cristãos, ou correntes americanas, como aqui analisada, a Piaga, que diz estar revivendo crenças de origens indígenas brasileiras a partir de aspectos como narrativas, rituais, cânticos e calendário, influenciados por vertentes estrangeiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem, **O que é religião?** 7. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

CASTRO, Dannyel Teles de. *A festa das almas: o culto aos ancestrais no neopaganismo.* **Revista Último Andar**, n. 28, p. 125-140, 2016.

FILHO, Celso Luiz Terzetti. **A deusa não conhece fronteiras e fala todas as línguas: um estudo sobre a religião Wicca nos estados unidos e no brasil.** Tese de Doutorado, Pontifca Universidade de São Paulo – PUC. São Paulo, 2016.

GOMES, Francisco José Silva. **História e Religião: A Religião como objeto da História.** Rio de Janeiro. FAPERJ: Mauad, 2002.



GUERRIERO, Silas. *Caminhos e descaminhos da contracultura no Brasil: o caso do Movimento Hare Krishna*. **Revista Nures** (Núcleo de Estudos Religião e Sociedade), São Paulo, n. 12, p. 1-9, mai-agos., 2009.

NOLÊTO, Rafael. **Caminhos Piagas: magia e ancestralidade do nordeste brasileiro**. São Paulo: Clube dos Autores, 2015.

NOLÊTO, Rafael. **Entrevista concedida a Antônio Emanuel Batista de Sousa**. José de Freitas (PI), 18 de novembro de 2016.

OLIVEIRA, Rosalira. *Ouvindo uma terra que fala: o renascimento do paganismo e a ecologia*. Revista Nures, São Paulo, n. 11, p. 1-9, jan-abr., 2009.

PAGANISMO PIAGA. Calendário anual. Disponível em: <http://paganismopiaga.blogspot.com/p/calendario-anual.html>, s/d.

PASSOS, Ceres. *Piauí sedia 1º vila pagã da América Latina*. **O DIA**, Teresina, 27 de janeiro de 2014.

PRATES, Admilson Eustáquio; PIMENTEL Cláudio Santana; BETARELLO Jeferson. **Religião e Literatura**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2014.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA, Eliane Moura da. *Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania*. **Rever, Revista de Estudos da Religião**, n. 2, p. 1-14, 2004.

SOARES, Danieli Siqueira. **Rituais contemporâneos e o neopaganismo brasileiro: o caso da Wicca**. Dissertação de Mestrado (Antropologia). Recife: UFPE, 2007.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. *Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade*. **Textos de história**, Brasília, v. 11, n. 1/2, p. 89-127, 2003.